



Corpo preto sem cabelo, humilhação de atriz estadunidense e emoções humanitárias: A piada no Oscar 2022¹

Black body without hair, humiliation of us actress and humanitarian emotions: The joke at the 2022 Oscars

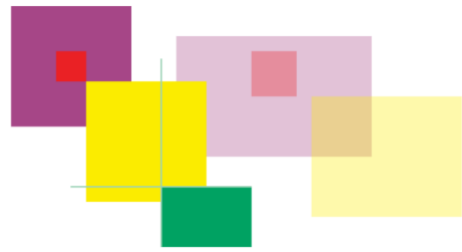
DOI 10.20396/lil.v27i00.8678016

Lucas Nascimento
Museu Nacional/UFRJ

Resumo

Retomadas ao recrudescimento de posturas contrárias ao bem social e ao desenvolvimento de pessoas são vividas no mundo. Há ódio político nas relações interpessoais e públicas. Diante disso, a exemplificar o cenário brasileiro, os Estados Unidos também demonstram os seus efeitos de uma gestão truculenta, para não dizer excludente, para precisar dizer o que foi a administração de direita à extrema-direita. Esses efeitos são diversos, a citar o que veremos em fato pontual de violência discursiva sustentada pela humilhação, pela exposição do corpo preto feminino, do cabelo de mulher preta estadunidense. Exposição da atriz Jada Smith que porta alopecia (uma condição de perda de cabelo), a dita calvície. Diante disso, o corpus de trabalho eleito são quatro imagens fotográficas e sete enunciados de Jada Pinkett Smith, Will Smith e Chris Rock. As perguntas de trabalho são: (1) qual é o funcionamento discursivo da piada do Chris Rock que coloca a atriz Jada em posição-sujeito de humilhação? (2) como a emoção expressa sentido de degradação no rosto de Jada Smith? (3) quais indícios da piada de Chris Rock *acontecimentalizam* discriminações (machismo, misoginia e racismo)? (4) por que o tapa de Will Smith em Chris Rock expressa a defesa e a honra das mulheres pretas em uma sociedade machista e do branqueamento? O embasamento teórico-analítico é a Análise do discursivo e os autores de referência são Pêcheux, Foucault e Courtine. Busca-se sobre a beleza preta e sua história para a chegada em questões sobre o corpo preto da atriz estadunidense Jada Smith e a humilhação sofrida no maior festival americano de cinema – Oscar 2022. Sobre o sentimento de humilhação e as emoções humanitárias, recorreremos, respectivamente, a Haroche (2020) e Taithe (2020) no livro dirigido por Jean-Jacques Courtine – História das Emoções. O texto apresenta reflexões sobre a intolerância à diversidade e à ausência do cabelo pela doença alopecia da atriz Jada, além do machismo e dos indícios de reprodução discursiva discriminatória de chacota e riso discriminador e polêmico no Oscar 2022.

1 Texto elaborado para palestra proferida ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI da UEG (Universidade Estadual de Goiás), no dia 28 de setembro de 2022, a convite do Prof. Dr. Guilherme Figueira Borges (UEG/UFCAT), a quem agradeço, uma vez mais.



Palavras-chave: Corpo, Alopecia, Mulher preta, Atriz estadunidense, Humilhação, Oscar 2022.

Abstract

Returns to the resurgence of attitudes contrary to the social good and the development of people are experienced in the world. There is political hatred in interpersonal and public relationships. In view of this, to exemplify the Brazilian scenario, the United States also demonstrates the effects of a truculent, not to say exclusionary administration, to say what was a right-wing administration to the extreme right. These effects are diverse, including what we will see in a specific event of discursive violence sustained by humiliation by the exposure of the black female body, of the hair of a black United States woman. Exhibition of actress Jada Smith, who has alopecia (a condition of hair loss), known as baldness. Therefore, the chosen corpus of work is four photographic images and seven statements by Jada Pinkett Smith, Will Smith and Chris Rock. The working questions are: (1) what is the discursive functioning of Chris Rock's joke that puts actress Jada in a humiliation subject position? (2) how does emotion express a sense of degradation on Jada Smith's face? (3) what signs in Chris Rock's joke lead to discrimination (machismo, misogyny and racism)? (4) Why does Will Smith's slap on Chris Rock express the defense and honor of black women in a sexist and whitening society? The theoretical-analytical basis is Discursive Analysis and the reference authors are Pêcheux, Foucault and Courtine. We search about black beauty and its history to arrive at questions about the black body of United States actress Jada Smith and the humiliation suffered at the biggest American film festival – Oscar 2022. Regarding the feeling of humiliation and humanitarian emotions, we turn, respectively, to Haroche (2020) and Taithe (2020) in the book directed by Jean-Jacques Courtine – History of Emotions. The text presents reflections on intolerance to diversity and the absence of hair due to the disease alopecia of actress Jada, in addition to machismo and signs of discriminatory discursive reproduction of mockery and discriminatory and controversial laughter at the 2022 Oscar.

Keywords: Body, Alopecia, Black woman, US actress, Humiliation, Oscar 2022.

Introdução

O ser humano encoleriza-se, se alguém se opuser à sua ação ou se alguém não colaborar com ele, ou se, de alguma forma, alguém o perturbar quando está em tal estado. Eis a razão pela qual os enfermos, os pobres, os que estão em guerra, os amantes e os que têm sede e, em geral, os que desejam ardentemente alguma coisa e não a satisfazem são iracundos e facilmente irritáveis, sobretudo contra aqueles que menosprezam sua situação (Aristóteles, 2005, II, 2, 1379a, p. 163).

Ano de 2022. Século XXI, dito de avanços e transformações. No entanto, lutas para permanências dos percursos de avanços em administrações políticas democráticas anteriores são desafiadoras, por inúmeros motivos. Um deles: “Tendências neofascistas de toda ordem, conduzindo líderes políticos de extrema direita a conquistas eleitorais até recentemente



inimagináveis na Europa, nos EUA e no Brasil” (Piovezani; Curcino; Sargentini, 2021, p. 11). Falamos de conquistas com e por meio de emoções e de sentimentos neofascistas como a ira, a mentira, o medo, a ameaça, a humilhação, a chacota, a desvergonha, o descaráter, etc., de conquistas por meio de desafetos. Quando do desafeto flertado, vemos que “uma das causas da ira reside no desejo não satisfeito acompanhado de dor” (Piovezani; Curcino; Sargentini, 2024, p. 13). A [individual] dor sentida é lançada discursivamente ao outro – meu interlocutor, ou perlocutor – ou facilmente lançada ao vento para a captação de quem quer que seja, principalmente o lançamento é para ares que flechem as minorias, a subalternação, as derivas, aos marginalizados, aos segregados, aos excluídos...

Vivemos em processos emocionais e sociais que acentuadas retomadas ao recrudescimento de posturas sentimentais contrárias ao bem social e ao desenvolvimento de pessoas, assim como distantes da qualidade das relações com o outro, são alimentadas e parecem estar em via contramão ao bem. Motivo: ódio político (Ab’Saber, 2015; Butler, 2021). Diante de ações violentas e, por conseguinte, desmotivadoras às massas oprimidas, “a relativa força da circulação de terraplanismos e criacionismos em nossos dias comprova a complexidade do processo histórico” (Piovezani; Curcino; Sargentini, 2021, p. 11), que temos vividos em vários cenários, a exemplificar o cenário brasileiro e americano.

As perguntas da presente proposta de trabalho são: (1) qual é o funcionamento discursivo de piada do Chris Rock que coloca a atriz Jada em posição-sujeito² de humilhação? (2) como a emoção expressa sentido de degradação no rosto de Jada Smith? (3) quais indícios da piada de Chris Rock acontecimentalizam³ discriminações (machismo, misoginia e racismo)? (4) por que o tapa de Will Smith em Chris Rock expressa a defesa e a honra das mulheres pretas em uma sociedade machista e do branqueamento? As questões envolvem discussões sobre o corpo e o cabelo da mulher preta e sua relação com o empoderamento feminino, a resistência ao preconceito e as discriminações, bem como a luta pelo singular na diversidade elitista (da cinematografia). Uma vez mais, venho refletir sobre discursos preconceituosos, corpos discriminados, trabalho desde resultados em pesquisas de

2 Confira ‘posição-sujeito’ e ‘forma-sujeito’ em Pêcheux (1975).

3 Foucault (1978, p. 339-340 – grifos do autor): acontecimentalizar é “uma ruptura absolutamente evidente, em primeiro lugar. [...] trata-se de fazer surgir uma “singularidade”. [...] não é um fato de instituição ou um efeito de ideologia.” A acontecimentalização é analisada como processo, como um “poliedro de inteligibilidade” (grifos do autor). Confira detalhes sobre “polimorfismo”: dos elementos que são postos em relação; das relações descritas; nos domínios de referência (p. 340-341).



Nascimento (2019⁴; 2020a⁵; 2020b⁶; 2020c⁷) e do projeto ‘Corpo e Discurso’ (CNRS/CNPq – cf. Nascimento, no prelo⁸). Aqui, continuo a abordagem do prometido nesses trabalhos: analisar o funcionamento do corpo e das emoções em discurso.

O embasamento teórico-analítico utilizado é com proposições de filiação à Análise do discursivo e com diálogos entre Michel Pêcheux, Michel Foucault e Jean-Jacques Courtine – em especial. Pesquisa a relação discurso e história e(m) corpo e emoções com esses autores, entre outros referenciados: Pêcheux, Gadet, Haroche, Henry; Courtine, Haroche; Courtine, Corbin, Vigarello; Haroche; Guilhaumou; Gregolin; Sargentini; Piovezani, Curcino, Sargentini. Na esteira de consistentes reflexões sobre a beleza negra/preta e sua história no Brasil (Braga; e Campos, Cruz) e nos EUA (Vaughan), busco específicas autoras para a então chegada em questões sobre o corpo preto da atriz estadunidense Jada Smith e a humilhação sofrida na sua pele no maior festival americano de cinema.

Sobre o sentimento de humilhação e as emoções humanitárias, recorro, respectivamente, a Haroche e Taithe no livro dirigido por Jean-Jacques Courtine – História das Emoções. Como apontado por Courtine (2011), a questão do corpo cruza a problemática de Foucault. De fato, Guilhaumou (2022) afirma que os problemas do corpo (corporais) de Foucault tomaram forma em seus escritos do início da década de 1970, de seu célebre artigo de 1971 sobre “Nietzsche, A Genealogia e A História” ao seu livro Vigiar e Punir (1975). Amparo-me nessas referências foucaultianas, além de questões sobre o discurso e o “malfeito, dizer verdadeiro” (Foucault, 1981) e a “coragem da verdade” (Foucault, 1983-1984).

O texto apresenta reflexões sobre a intolerância à diversidade do cabelo preto, no caso à ausência do cabelo pela doença alopecia em que a atriz Jada porta em seu organismo. Defendo que a intolerância reforça o preconceito e as discriminações⁹ à diversidade do corpo

4 Insinuações da Carne: Ordem da Imagem e Sentidos do Olhar – por questões de leitura de fotografia digital da G Magazine, tese de Doutorado em Linguística/UFRJ.

5 Discursos preconceituosos, corpos discriminados: O estranho espelho de “quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade – diz Bolsonaro”, publicado na revista da Abralín.

6 Língua Fascista, Discurso Contraditório: política de misoginia e homofobia, publicado na revista Heterotópica.

7 Língua Fascista, Discurso Contraditório: ainda sobre Bolsonaro, publicado em capítulo de livro.

8 Corpo e Discurso – Uma introdução, organização de livro (no prelo).

9 No Brasil, a obra de Carlos Piovezani (2020) está na esteira de “uma longa história de discriminações”. Outra atual referência é o título de Jocenilson Ribeiro (2022): Xenofobia e Intolerância Linguística.



diferente ao padrão de beleza preta. Lembro de o que é que a mulata tem? (Braga, 2011) e da marchinha de carnaval¹⁰ – O teu cabelo não nega, mulata/ Porque és mulata na cor/ Mas como a cor não pega, mulata/ Mulata, eu quero o teu amor. Também acentuo às discussões o machismo em referência ao discurso histórico de que “é pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra” (Braga, 2015).

A atriz Jada sente em sua própria cabeça, pra não dizer em seu próprio corpo preto, o teor de perseguição e de discriminação da mulher preta em escala mundial, inclusive em cenário geopolítico desenvolvido e ‘centro do mundo’. O sofrimento em pele, Jada desabafa sobre “as artes de viver” e de sofrer em Hollywood no vídeo concedido ao *Fantástico*¹¹. Vestígios da estranheza do discurso do apresentador Chris Rock – também preto – reproduzem o império do macho (‘machismo’) e a referência ao padrão de branquitude. Os indícios de reprodução discursiva discriminatória marcam a mulher preta no cenário de chacota e de riso discriminador, humilhante e polêmico, em comemoração aos vencedores do cinema no Oscar 2022.

O corpus de trabalho são quatro imagens fotográficas e sete enunciados de Jada Pinkett Smith, Will Smith e Chris Rock. A organização do texto apresenta: (1) *Cabelos pretos: antes e depois da alopecia*, (2) *Piada do apresentador do Oscar 2022 e a humilhação da mulher preta estadunidense – da perseguição às emoções humanitárias*, (3) *Revirada de olhos e semblante de Jada Pinkett Smith: perseguição, constrangimento, assédio moral, humilhação, discriminação...* e, por fim, (4) *Emoções: da humilhação de Jada ao tapa de Smith em Chris Rock*.

Seguimos a leitura das seções.

10 Composição de Lamartine Babo, Raul Valença e João Valença.

11 Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/04/04/jada-pinkett-smith-desabafou-sobre-cabelo-dias-antes-do-oscar-em-video-lidar-com-meu-cabelo-em-hollywood-foi-muito-desafiador.ghtml> Acesso: 10 abr. 2022.



Cabelos pretos: antes e depois da alopecia

Figura 1 – Jada Pinkett Smith antes da alopecia

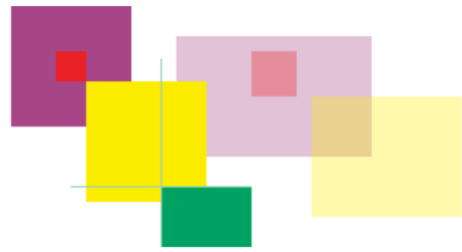


Fonte: <https://pixels.com/featured/2-jada-pinkett-smith-at-arrivals-everett.html>

Nessa primeira imagem, Jada Pinkett Smith está na chegada para *Justin Bieber Never Say Never Premiere*, no *Nokia Theatre*, em *Los Angeles*, Califórnia, no dia 8 de fevereiro de 2011. A foto é de Dee Cercone para a *Everett Collection*. A celebridade é atriz, apresentadora, diretora, dubladora, comedianta de *stand-up*, cantora e empresária estadunidense. Antes da alopecia, os seus cabelos são de pertencimento ao preto, ao grupo das mulatas. Aqui, a beleza dos cabelos se encontra na qualidade dos cosméticos empreendidos para o controle do volume – mesmo que ainda ele demonstre a expansão do “cabelo duro” e o “*frizz*” dos pretos, ‘rebeldia’ do couro cabeludo assim já nomeado discriminatoriamente em nossa história.

Essa espessura histórica é carregada nos cabelos de Jada. Ela se apresenta de 1980 a 2021 com distância à lisura de cabelos europeus e marca a africanidade como herança, sem culpas. “Tornar-me uma mulher negra e lidar com meu cabelo em Hollywood na época em que surgiu, tendo que ter o seu cabelo o mais parecido possível com o de uma europeia, foi muito desafiador. Porque eu gostava do meu cabelo selvagem e cacheado” (Jada Pinkett Smith ao *Fantástico*, 04/04/2022) [E^{jps} – enunciado JPS].

Assim, a descontinuidade apresenta ruptura no que se refere a uma estética relacionada aos europeus, por exemplo. Marca Jada com uma não-igualdade ao padrão dos



cabelos dos brancos. Marca a igualdade de Jada aos negros, aos pretos. Sua identidade preta registra o pertencimento à história dos pretos. Não ‘desmanchou’ o cabelo. Não o desfez. Não fez a ‘boa escova, seguida da chapa’, como nos mostra Braga (2015, p. 237) em edição especial – *Especial Beleza* –, a revista *Raça Brasil* traz a matéria que trata de cabelos lisos: “Lisos para variar. O segredo para deixar os cabelos alisados naturais e sedosos ainda é uma boa escova, seguida de chapa. O trio xampu, condicionador e leave-in garante o resultado perfeito”. Essa não foi sua busca estética em relação aos cabelos. Então, a lisura não foi o procedimento preferido e permanente de Jada Pinkett Smith.

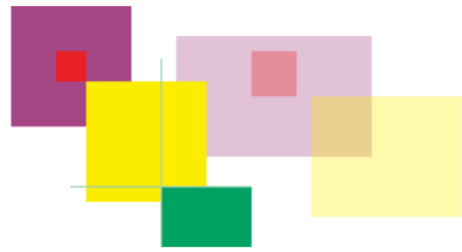
Com a alopecia, o processo natural revela uma doença, que também se vincula aos cabelos de mulheres e de homens. O distúrbio não tem como marca o alisamento. Ataca os cabelos naturais de modo a apresentar a presença da calvície, como visto na imagem, a seguir.

Figura 2 – Jada Pinkett Smith depois da alopecia



Fonte: <https://www.rbsdirect.com.br/imagesrc/35657904.jpg?w=700>

“Foi assustador quando começou. Eu estava no chuveiro um dia e aí minhas mãos ficaram cheias de cabelo. Eu fiquei tipo: eu tô ficando careca?” [E1 – enunciado 1], assim Jada Pinkett Smith fala em vídeo ao *Fantástico*, em 4 de abril de 2022. Da cabeça para as suas mãos, a mulher preta se depara com outro lugar em que se encontram os cacheados. Da cabeça às mãos, seus cabelos nunca mais poderão estar no centro de preocupações em alisamento. Não passarão pelo “cabelisador” inventado por volta de 1929, como a publicidade



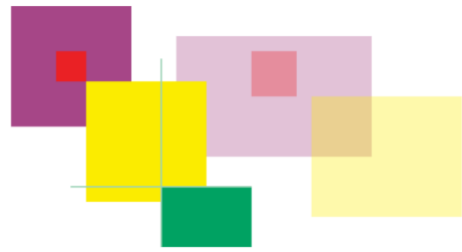
e propaganda anunciada em *O Clarim d'Alvorada* (ano VI, n. 16, maio de 1929, cf. Braga, 2015, p. 152). Não que Jada teria como foco a existência de tal prática com tal afinidade.

Na inexistência do cabelo, fato lhe dado pela alopecia, a naturalidade dos cacheados é interrompida por processo de adoecimento. Corpo cabeludo em processo de morte é o fato, com a política gritante de sua nova realidade corpórea. Será outro corpo sem o cabelo para os olhares preconceituosos e intolerantes daqueles corpos discriminatórios. Infelizmente, não faltam discriminadores, nem racistas, nem machistas, nem misóginos, entre pares de outros. Aí o ponto central alvo da piada de Chris Rock no Oscar 2022.

A nova realidade da atriz, então, por um lado, traz-lhe a expressão do que pode ser discurso sobre o rompimento de um processo contínuo, por uma ruptura do comportamento biológico. Seu corpo biológico administra funções e sistema imunológico, ou imunitário, aquele sistema de defesa contra agressões externas, que confunde células saudáveis com substâncias estranhas. Contra os folículos pilosos, as ditas estruturas onde o cabelo cresce, o caso da alopecia¹² surge. Diante disso, nem cacheados mais, nem alisados, os cabelos não terão forma, nem cor, nem volume, nem próprio corpo. Jamais será matéria outra vez. Nem cacheados, nem alisamento, nenhuma oportunidade mais, a não ser a opção do próprio sistema: *sem cabelo*. Por outro lado, a expressão de outro discurso seria a oportunidade de perucas. O que a atriz chegou a recorrer ao uso, por vezes – declarou. A repetição pelo uso desse artefato poderia lhe dar a sensação de continuidade de um processo, o que – a gosto – poderiam ser cabelos artificiais lisos ou cacheados, como a quisesse.

Em flutuação de formas, de novos sentidos, de novos regimes de saber e de verdade, a opção de Jada foi aparecer em público com a naturalidade imposta pelo seu próprio sistema imunitário. Chegou a marcar desobediência (Gros, 2018) em sua estilística: fez uso contínuo da peruca e acionou a resistência ao corpo disciplinar, aquele regido fortemente sobre “normas de disciplinamento ao cabelo cacheado da mulher afro” (Campos; Cruz, 2018, p. 122). Resistência, por exemplo, ao aparecimento em público sem cabelos, em se tratando de sua fama (ser uma estrela de cinema hollywoodiana) e seu prestígio. Nessa verdade, uma identidade preta, com outra estética preta, poderia entrar nos jogos de verdade (Possenti, 2021) por uma memória discursiva que acionasse aos demais sujeitos de seu convívio ou do

12 No caso de alopecia em homem, para conhecimento, as falhas de fios capilares são na barba, de acordo com a Pfizer (2022).

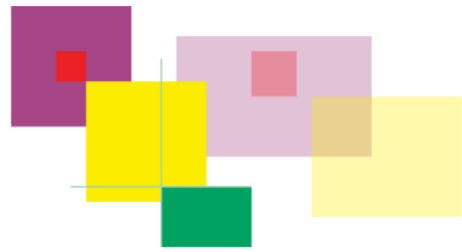


público, em geral, o corpo infantil (da ‘careca’ do “bebê”, por exemplo), ou o corpo cancerígeno, isto é, com CA (letras empregadas e ditas para não ser pronunciada a palavra câncer, com toda a carga negativa em seu sema). A resistência está na ruptura com a portabilidade do cabelo – por estar sem peruca, sem cabelo natural, nem mesmo com o artificial. Resistiu pela coragem! Desobedeceu ao “automatismo dos hábitos” (Campos; Cruz, 2018, p. 122) para a manutenção da estética de beleza dos cabelos, isto é: desobedeceu também pela coragem. Apenas, obedeceu a sua verdade... A verdade de seu sistema imunitário!

De um lado, a coragem da verdade de causas da alopecia é a verdade de que as células – ao redor do folículo capilar – atacam e impedem a produção de novos fios, traz-lhe falhas em formatos arredondados, não apenas no couro cabeludo, mas em cílios e sobrancelhas (Pfizer, 2022). De outro, a coragem da verdade das consequências da alopecia são verdades como: estresse físico, febre alta, cirurgia, doença grave, perda de peso repentina ou gravidez, eflúvio telógeno. Com isso, o distúrbio ‘alopécico’ apresenta a prova da verdade. Trato como jogos de verdade da biopolítica do próprio biológico capilar. Esses são jogos de verdade pelas causas e pelas consequências da alopecia.

Somado a isso, há outros jogos de verdade – como a política discursiva do corpo: a prova da verdade de que Jada mostra como é sua resistência às emoções humilhação, riso, chacota, vergonha, irá, ódio, assédio etc. Essa é efeito de verdade – a resistência: coragem de obedecer à verdade da alopecia e da sua condição de corpo preto sem cabelo da mulher preta estadunidense.

Além disso, avalio que há, então, a verdade em disputa: a biopolítica do corpo fisiológico-imunitário (a política da verdade de mostrar a prova da alopecia) e a coragem da resistência aos outros, à mídia. Ou, quem sabe, a coragem da resistência a si mesma por não usar mais a artificialidade, as perucas. Isto é: insubordinação à artificialidade e às emoções alheias e subordinação à sua própria coragem de resistir. Eis a sua governabilidade! Jada Smith precisou se subordinar e governar a própria coragem de resistência. Subordinou-se à coragem e governou o ato de coragem. Tal coragem foi seu exercício disciplinar de poder – governar a si mesmo! Isto é: governo de si! Esse ato foi mais uma autoria frente à condição natural da doença.



Diante desses ‘jogos de verdade’ e da ‘verdade em disputa’, afirmo sobre a *coragem da verdade*: a coragem de provar com a resistência de uma mulher preta (estrela cinematográfica estadunidense) à recepção alheia discriminatória, preconceituosa e intolerante sobre a sua portabilidade natural do processo da alopecia – a careca, a calvície. Ou seja: a estrela Jada mostrou sua nudez do rosto – a nudez pela e em calvície. Carecar foi sua visualidade corporal *biopolítica* e *discursivopolítica* – exprimiu e expressou emoções.

São a coragem da verdade e o regime de governabilidade do próprio corpo fazendo presença nos corpos, nos discursos e nas emoções de Chris Rock e do casal Smith. Especificidade de Jada: corpo atual, natural, novo visual. A aceitação e disciplina da própria verdade, resistência e coragem são regimes de sua existência.

Embora a condição seja mais comum em pessoas jovens, principalmente abaixo dos 20 anos (Pfizer, 2022), a atriz foi acometida com mais de 40 anos. “Lidar com meu cabelo em Hollywood foi muito desafiador” [E2 – enunciado 2]. Ao *Fantástico*, na exibição em 04 de abril de 2022, Jada Pinkett Smith revela a vida sem cabelo em Hollywood. O regime de verdade, com o saber de sua nova estética, lhe foi alvo de humilhação e outras emoções, não menos que assédio moral, ataque à sua honra, além de perseguição por Chris Rock, desde o ano de 2016, como veremos, a seguir.

Depois dessa primeira seção, em que apresento considerações sobre a atriz, seus cabelos cacheados e o processo da alopecia, analiso o discurso e o acontecimentalizar da piada do apresentador Chris Rock no Oscar 2022. Trato também de respostas à questão número (1) elaborada para este presente texto.

Piada do apresentador do Oscar 2022 e a humilhação da mulher preta estadunidense – da perseguição às emoções humanitárias

Para trabalharmos na pergunta (1 – qual é o funcionamento discursivo de piada do Chris Rock que coloca a atriz Jada em posição de humilhação?), precisamos conhecer o



seguinte enunciado do discurso do apresentador: “Jada, eu amo você. ‘G.I. Jane 2 [Até o limite da honra]¹³, mal posso esperar para ver” (por *Chris Rock*) [E3 – enunciado 3].

O enunciado [E3] foi a fala na cerimônia de premiação. O apresentador comparou Jada à personagem de Demi Moore em “*Até o Limite da Honra*” (produzido em 1997), motivado nas duas mulheres terem os cabelos raspados. A condição de Jada não é a mesma da personagem de Demi Moore. A sua condição é biológica – a queda capilar. Jada raspou os cabelos em 2021, após anos tendo as falhas no couro cabeludo às escondidas com lenços e turbantes.

Recorro, agora, ao estudo de Foucault sobre Nietzsche, em 1971, por estabelecer os alicerces para sua aproximação do corpo no discurso. O ponto de discussão é a presença do corpo sob sua superfície de inscrição de um acontecimento para outro. Da alopecia à piada que tem a honra de Jada como alvo. Compreendo por ‘honra’ tudo aquilo que diz respeito à dignidade humana, à autoestima, ao valor pessoal e social. Piada humilhante, irônica, debochada pela estrutura (Pêcheux, 1983a, b): “mal posso esperar para ver”. Para ver o quê? Ver a calvície. Ver a nudez. Ver o corpo-‘alopécico’! A ‘careca’ permite materializar a atualização da memória de D. Moore no filme *Até o Limite da Honra* pela imagem da cabeça raspada de sua personagem com o acontecimento de humilhação motivada pela ‘careca’ da atriz Jada Smith, que se fez presente na premiação do Oscar 2022, ao lado de seu esposo. Assim, a humilhação se acontecimentaliza pelo apresentador Chris Rock produzir o processo interdiscursivo e intericônico entre *Até o Limite da Honra* e a correlação com a ‘careca’ de Jada, que, com isso, aciona “o estigma dos acontecimentos passados” em conflito presente.

Enfim, a proveniência diz respeito ao corpo [...] O corpo – e tudo o que diz respeito ao corpo, a alimentação, o clima, o solo – é o lugar da *Herkunft*: sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito (Foucault, [1971] 2017, p. 65).

Em relação à concentração de identificação em estigmas ou desejos, Foucault nos orienta para o modo como o ‘eu’ inventa uma identidade, uma coerência. Frente a isso, estamos diante da proliferação de acontecimentos discursivos sob seu próprio caráter. Chris

13 Título do filme conhecido em português.



Rock compara a personagem de Demi Moore a Jada Smith. Em contrapartida, Jada confronta a realidade, não com o objetivo de fazer remontar ao passado, mas para manter o que é passado na dispersão que lhe é própria. Nessa possibilidade, espécie de uma genealogia dos indivíduos instaurada por Rock, Jada não torna possível enfatizar a presença do seu corpo como artefato de inscrição no acontecimento humilhante pela piada, trazendo à mulher preta estadunidense um lugar de dissociação do “eu” – ‘eu Jada’ com o ‘eu personagem’ de *Até o Limite da Honra* (1997).

Aqui, chego no ponto de articulação ‘corpo’ e ‘história’. Este espaço problemático em que se instaurou polêmica e humilhação pela piada com a cabeça raspada de Jada – mulher preta estadunidense sem cabelo –, apresento a inclusão da análise linguística, a associação do discurso e a materialidade da língua. Consideramos que analisar o discurso como Foucault o formulou permanece, ao longo de seus trabalhos, um objeto linguístico. Então, podemos nos perguntar sobre o que é, em Foucault, da centralidade de uma interrogação sobre o ‘corpo da língua’.

A resposta da pergunta (1) está no enunciado (E3) de Chris Rock que coloca a atriz Jada em posição expositiva de humilhação. A comparação de Jada a Demi Moore não foi bem-sucedida. Realmente, Rock foi *Até o limite da honra* – foi até a honra de 11. Usou sua alopecia como elemento de riso público. Trouxe o particular, o privado de alopecia da Jada, ao público, querendo efeito cômico e humilhante da cabeça raspada da mulher preta. Efeito que mais destaca o machismo do apresentador do que propriamente o objetivo de fazer a plateia cair na gargalhada, na risada. Machismo se materializa pelo fato de novamente o corpo da mulher se tornar elegível como objeto de frágil humor. Houve polêmica, constrangimentos, desafetos, houve reações. Jada reage com a revirada de olhos (cf. a imagem a seguir) e semblante de constrangimento, de sofrimento por assédio moral e não menos por humilhação. Seu nome está em exibição pública frente às celebridades, aos colegas e aos competitivos futuros papéis cinematográficos. Seu esposo, também ator (venceu como melhor ator pelo Oscar 2022), Will Smith, reage conforme a última imagem trazida a este texto.

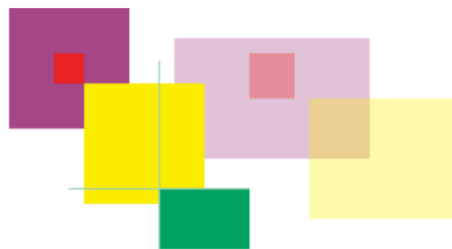


Figura 3 – Jada Pinkett Smith reergue seus olhos

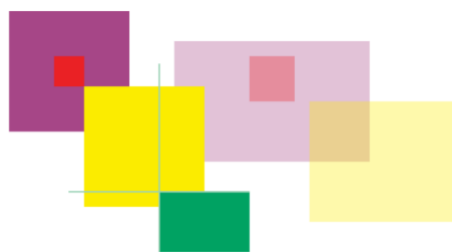


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=f1NYVOcgzBU>

Revirada de olhos e semblante de Jada Pinkett Smith: perseguição, constrangimento, assédio moral, humilhação, discriminação...

O semblante na imagem recém visualizada é de desaprovação da emoção de humilhação. Jada desaprova a piada de Chris Rock, porque: (a) há “ausência de consideração por parte de quem pretende envergonhar aqueles que ele deseja humilhar” (Haroche, 2020, p. 465); (b) “a humilhação sentida coloca em questão o orgulho, a honra, a dignidade” (Haroche, 2020, p. 465); (c) “o valor social – político, moral, econômico – de todo indivíduo aos seus olhos e aos olhos dos outros, a autoestima e o valor pessoal de cada um em função de sua qualidade de ser humano” (Haroche, 2020, p. 466).

Em desacordo com Michael Foessel (2017), a humilhação não é um sentimento democrático. É um sentimento autoritário, quase sempre covarde. A humilhação não pede com licença, ela chega sem bater à porta. É estúpida! Não considera minimamente a empatia e – menos ainda – os cuidados humanitários (Taithe, 2020). A falta de humanismo é perplexa que se materializa em perseguição do apresentador, como testemunho proferido em discurso por Will Smith, assim que lhe é concedido o prêmio de melhor ator de 2022 no evento internacional Oscar 2022. A humilhação é atualizada no acontecimento de 2022. Não era a primeira vez que o comediante Chris Rock havia feito uma piada direcionada à esposa do



ator. Em 2016¹⁴, após a indicação de apenas atores brancos ao Oscar, Jada decidiu boicotar a cerimônia de premiação e o comediante, que fez o discurso de abertura do evento, ironizou a atriz ao afirmar que ela não havia sido convidada, declara Will Smith (Lima, 2022). Portanto, no rosto de Jada Smith, a emoção (questão 2) de repúdio e de notória vergonha na reerguida de olhos expressa sentido de degradação, pela humilhação e pela perseguição, ocorrência repetida de 2016 em 2022. Esses sentimentos desonrosos (repúdio, vergonha e degradação) se fizeram expressos presentemente na 'história do rosto' (Courtine; Haroche, 2007) de Jada Smith na célebre noite Oscariana.

Respondemos à questão 3, a seguir. A comparação da cabeça raspada da atriz com a personagem de Demi Moore na piada de Chris Rock acontecimentaliza machismo, misoginia e racismo, além de intolerância, perseguição, assédio, constrangimento e exposição em público da intimidade, sem consentimento, sem autorização de Jada. Desrespeito, irresponsabilidade, anti-humanismo são características totalizantes de uma posição anti-exemplificável. Foi, assim, a de Chris Rock. Inexplicável! Inelucidável! Nada saudável, nem louvável, nem plausível, nem copiável, nem desejável, sem chances de repetição. Sem transferência a outras posições-sujeito. Atitude a-professoral. Discurso anti-professoramento.

Há ocorrência de machismo por ser piada insensível realizada por um homem frente aos demais homens e o público, em geral. Não se mostrou cavalheiro, gentil, elegante e cortês. Mostrou-se hostil e insensível. Faltou-lhe a empatia. Faltaram-lhe os cuidados humanitários. A misoginia foi praticada por mirar uma mulher preta, não em um homem como ele próprio. Não tratou de igual a igual, em questão de indivíduo homem. Mirou na intimidade¹⁵ de uma mulher preta. Mulher casada. Mulher celebridade. Mulher portadora de distúrbio. Fez do distúrbio, espetáculo! Fez a alopecia se pretender espetáculo. Tornou mais presente a cabeça raspada do que a própria visibilidade estética da atriz em vestido verde, composição que lhe oferecia elegância, glamour e mais beleza, acompanhado com seus sorrisos de alegria, realização e satisfação. Fez sanção ao corpo da mulher preta. Tornou feito a exposição sem consentimento da própria Jada Smith. "A humilhação [...] toca profundamente

14 Disponível em: <http://glo.bo/36F12xE> Acesso em: 10 abril 2022.

15 Vale conferir Sennet (1993) sobre "As tiranias da intimidade".



o imaginário dos povos, o íntimo de todo indivíduo: a qualidade mesma do humano” (Haroche, 2020, p. 467).

Racismo, por quê? Prática acometida por mirar corpo de uma preta. Falar em corpo de negra, de preta, de cabelo de preta, no caso da sua falta em cabeça da Jada Smith é acionar uma memória do cabelo cacheado, do “cabelo duro”, o fora do padrão branco europeu, acentuando, por assim, os sentidos da discriminação, do preconceito e do sofrimento do preto na história da humanidade. Faltou de Chris Rock o cuidado com a colega de espécie humana. Racismo, sim, porque não se apaga a história e o que dela se aciona quando se tornam elegíveis signos cristalizados, pejorativo e/ou exploratoriamente como sua piada pode ter em seu funcionamento discursivo. Alguns deles não nos falham a memória: o nariz desvalorizado por ser achatado (consequência de “deformação relativa”, ou “deformação induzida”), a dimensão sexual pelo quadril herdado da vênus hotentote (daí “o pode chamar de gostosa”), o papel doméstico e a refeição como marcas da servidão, entre outros sentidos memorados, infelizmente. A miragem por Chris Rock e a exposição de Jada Smith atualizam discursos com a espessura histórica do corpo da ‘negra’, em particular, e dos pretos, em geral. Não esqueçamos que – a exemplo da vênus hotentote:

[...] sob a qual recaíram os rótulos de monstro. A *ferocidade científica do colonialismo do século XIX*, na necessidade de confirmar as teorias médicas eugenistas que então circulavam e se desenvolviam, apontou a diferença racial enquanto mola propulsora capaz de gerar uma distância abismal entre europeus e africanos: “as diferenças raciais foram a princípio objeto de espetáculo, diante de olhares prontos a adivinhar a anomalia monstruosa sob a estranheza exótica” [Courtine, [2006]2009, p. 257]. O hotentote será a prova final do parentesco entre o animal, o monstro e o selvagem (Braga, 2015, p. 225).

O machismo, a misoginia, o racismo são presenças garantidas na violência discursiva da fala de Cris Rock, apresentador do Oscar e também ator. A força da violência discursiva tem a marca da reprodução de discursos negativos, excludentes e discriminatórios em seu cálculo dobrado, como em uma equação em que se tem o x^2 . É a reprodução automatizada, sem “passar o filtro” – como hoje é dito em linguagem nas redes sociais ou na era do *photoshop*, ou mesmo antes ditas pelos ilustradores como a era da manipulação do movimento (cf. Richard Valliere, em seu livro de 1982). A força da violência discursiva registra a carga negativa na reprodução de discursos, implicando “vínculo ético-político” discriminatório (para usar palavras de Judith Butler, 2021). Discursos que os humanistas



jamais reproduzirão. Assim, ao menos – são esperados! Nesse sentido, não se almejam herdeiros com tal vínculo à posição de sujeito perseguidor, assediador, discriminador.

No caso, de um também preto na condição de apresentador, declarou que seu papel e função têm caráter de animador e que é preciso articular a descontração. Eis uma fundamentação argumentativa falida para a sustentação de violência discursiva e de perseguição, fala oportuna para 'reprise' de discriminações e uma vez mais de perseguição. De espaço de festa e premiação aos talentos do ano, o espaço se tornou espetáculo de horror – reprodução de discriminação, de preconceito, de intolerância. Veja que essa prática teve espaço no palco da fama, da elite, da riqueza para com uma mulher preta estadunidense famosa, rica e da elite cinematográfica internacional. As discriminações provam não ter limites, são sem fronteiras!

Na próxima seção, a discussão ainda continua sobre a emoção. Vamos tratar da humilhação ao tapa de Will Smith em Chris Rock. Vamos considerar o que vem em circulação nas mídias digitais nacional e internacionalmente: Por que Chris Rock levou um tapa de Will Smith? A quarta e última questão deste texto será o que o leitor também encontrará.

Emoções: da humilhação de Jada ao tapa de Smith em Chris Rock

A seguir, a imagem é a do tapa. Polêmico-tapa.

Figura 4 – Chris Rock levou um tapa de Will Smith



Fonte: <https://tm.ibxk.com.br/2022/03/28/28080053846008.jpg?ims=704x264>

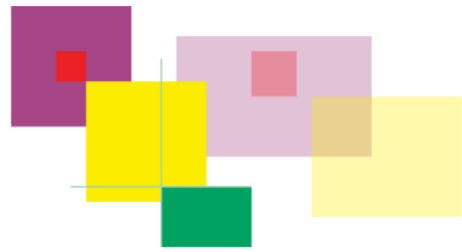


Depois do tapa, Will Smith retorna ao lado de sua esposa e senta. Não se contendo ainda, continua a falar em gritos: “Tire o nome da minha mulher da p**** da sua boca.” (por Will Smith) [E4 – enunciado 4]. Chris Rock responde: “Foi apenas uma piada sobre G.I. Jane” [E5 – enunciado 5].

O tapa de Will Smith em Chris Rock expressa a defesa e a honra das mulheres pretas em uma sociedade machista e do branqueamento, por algumas razões. Uma delas está no lugar ocupado de homem-esposo que “deve ser” o protetor e, por conseguinte, acionar o automatismo de comportamento esperado de seu lugar em uma sociedade machista e heteronormativa: violências! Há de se considerar também as condições de produção para a sua ação física no cenário em que Will estava. O automatismo foi a atitude esperada de o macho mostrar a força em um tapa e assim registrar a correção de Chris pela piada humilhante (também com expressão de machismo, para se dizer o mínimo!). Diante disso, o tapa é violência física para correção de uma violência discursiva, produzida linguisticamente pela materialidade da comparação da atriz com uma personagem em filme de 1997: “mal posso esperar para ver”. A correção provavelmente não seria pela violência física, em uma sociedade igualitária e democrática. Não seria nem necessária, porque haveria a força da não-violência, a preservação da vida do outro e a capacidade crítica, bem como o discernimento do limite da emoção pelo gerenciamento da racionalidade humanitária, pois há transformações sem as violências física e discursiva.

A ação do tapa no rosto de um homem preto por outro preto foi a expressão do desprezo. Ou seja: dar o troco a Chris Rock pelo desprezo concedido a esposa de Will, Jada Smith. Ação fomentada com os sentimentos repetidos: desprezo, desrespeito, desonra (des-honra), humilhação, intolerância, machismo, violência; tudo em uma multiplicação rápida e feroz x2. Tendo esses sentimentos e sentidos como valores de ‘x’. Por exemplo, o resultado de desprezo + desprezo é o “desprezar o outro como outro” (Haroche, 2020, p. 472). O resultado acentua “uma vontade de degradação do outro. Escapando às leis da democracia, ela perdura, parecendo se apagar apenas para continuar retornando” (Haroche, 2020, p. 472). Justamente, por isso, a humilhação não é democrática. É sempre covarde! Repito, aqui, o dito mais acima.

Ao continuar sobre o tapa: Will Smith se valeu do mesmo sentimento de Chris Rock ao agredi-lo: elevou-se ao outro, primeiramente, quando se levanta e vai até o apresentador,



depois, rebaixa-se, tornando-o autor do tapa! Detalhe: tudo foi em público, em pleno palco com holofotes na 94ª cerimônia de premiação do Oscar 2022.

Segundo Haroche (2020), Elias (1965) nos ensinou em Logiques de l'exclusion que os indignados com o lugar de subalterno se esforçam para se elevar, enquanto que os não posicionados nesse lugar se esforçam para preservar a superioridade. Assim, foi o efeito do tapa. Isto é: Will Smith tapeia o Chris Rock para retirar Jada Smith do lugar subalterno (da humilhação) colocado por Rock. Na tentativa de conservação da posição de apresentador e da sua representação de dar manutenção ao clima festivo, humorístico e descontraído, Chris fala: "Esta foi a melhor noite da história da televisão" [E6 – enunciado 6].

A confissão de "foi a melhor noite da história da televisão" é exame e perícia do nascimento do desejo: "a humilhação do outro que visa fortalecer um sentimento de superioridade de si mesmo". Esse desejo foi uma coragem da verdade, verdade como a construção da diferença, porque organiza discursivamente a estrutura dos saberes. O conhecimento de si. Do desejo. Essa coragem apresenta as condições histórico-culturais de existência do sujeito que se mostra pela verdade e pela coragem de confessá-la. De um lado, torna-se possível o conhecimento verdadeiro e, de outro, as transformações éticas do sujeito, estritamente dependente da sua relação consigo e da relação estabelecida com os outros quando do específico dizer-a-verdade. Do seu funcionamento, então, essa coragem da verdade implica em formas de governamentalidade (muito mais que um poder) e em técnicas de subjetivação (muito mais que dedução do sujeito). O que Chris Rock fez foi "malfazer, dizer verdadeiro": maldizer, mal-dito. Maldito!

Essa ética está no imbricar-se em ter mirado uma mulher preta e atingido a honra, a autoestima e a dignidade pelo desprezo do seu corpo (estar sem cabelo em público) e cuidado de si em provar ser discriminador, preconceituoso. Houve confissão conforme [E-5] e [E-6]. Coragem é um cuidar de si, como nos ensinou Foucault (1983-1984). Moldar "uma imagem e uma consciência de si especifica um sentimento de inferioridade ou superioridade que se reforça mutuamente" (Haroche, 2020, p. 475) é uma lógica que, em seu funcionamento, estão os sentimentos de sem-empatia, sem-cuidados, sem-compaixões, ou seja, sem-emoções humanitárias. Portanto, o apresentador Chris Rock fez da humilhação o funcionamento de seu entretenimento para a manutenção da noite de premiação com a conservação de ilusão do humor, do cômico e da tal descontração.



Por fim, apresento o último enunciado (E7) segmentado e recortado para mostrar ao meu leitor: “Piadas sobre mim são parte do trabalho, mas uma piada sobre a condição médica de Jada foi demais para mim, e eu reagi emocionalmente.” (por Will Smith). Essa fala de homem-esposo é uma fala do presente como acontecimento discursivo. Ainda como parte da resposta sobre o tapa de Will Smith em Chris Rock, expressão da defesa do lugar que lhe cabe (esposo) e da defesa da honra das mulheres pretas em uma sociedade machista e branqueada, busco, então, em 1984, dois textos concomitantes escritos por Foucault. Curiosamente, têm o mesmo título – O que são as Luzes? Foucault (1984a) se baseia no comentário de diferentes textos de Kant¹⁶.

A partir daí, Foucault introduz a questão do presente como acontecimento. Michel Foucault questiona o momento em que nos constituímos como sujeitos relativamente autônomos. Essa constituição pode ser por uma crítica permanente de nós mesmos, em relação aos nossos modos de ser, de pensar, de agir. No caso do tapa, em última questão de análise, em primeiro lugar, o ator reage em defesa de sua mulher atravessado pelos nossos costumes em uma sociedade que, desde o século II, herda do princípio estoico o casamento como princípio de aliança (Foucault, 1980-1981; 1984b).

No sentido oitocentista, o termo empregado seria “ontologia do social” por causa do Iluminismo e da Revolução Francesa (Guilhaumou, 2022), em referência à atitude do ator ser motivada por um sujeito falante, esposo e também homem preto americano. Isto é, da sua maneira individual, representada por costumes e tradições de uma sociedade estadunidense¹⁷ também machista, em primeira instância, em referir-se a outro homem preto americano para a agressão física em correspondência com a humilhação e a exposição em público de sua esposa. O esposo Will Smith pratica o tapa em C. Rock para atualizar a memória do princípio estoico em acontecimento. Muitos heteronormativos provavelmente considerariam Smith covarde caso se fizesse ausente sua posição ‘estoica’. Já os desnormativos, os praticantes da democracia e da produção do consenso, louvariam uma atitude-exemplo em ação distinta

16 Textos – um de 1784, A Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita; o outro de 1798, O conflito das faculdades.

17 Confira Curcino; Sargentini; Piovezani (2016a; 2016b); Coulomb-Gully (2016); Gregolin (2016).



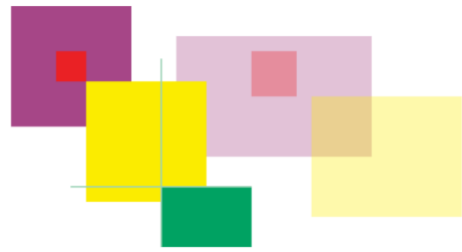
ao tapa. Eu me refiro aos homens que bem administram o cálculo entre emoção e razão – tarefa árdua e difícil para a produção dos consensos e a conquista das resistências!¹⁸

Busco, aqui, Foucault e a análise do discurso pela possibilidade de conexão entre às condições de produção (o fato) e o discurso (o acontecimento discursivo) em termos de um contínuo discursivo capaz de explicar os jogos de verdade e as ações/as práticas de violências e de resistências. Assim, é importante, para nós analistas do discurso, levar em consideração a ‘ontologia histórica do presente’ de nós mesmos, como já aludiu Guilhaumou (2022). Ou seja: do subjetivo em relação à ‘realidade objetiva’ (condições de produção de fatos) na construção de acontecimentos sociais (acontecimentos discursivos). O diálogo permanente de Foucault com Nietzsche permite que ele afirme essa linguagem de verdade como parte integrante da análise do discurso. Esse ponto é importante pela especificidade do saber, percebida não como um fato do conhecimento, mas como um processo próprio a modificar o sujeito e construir o objeto.

Essa reorientação em uma hermenêutica do sujeito é o que vimos na ação de Will Smith ‘dar o tapa’ em Chris Rock. É uma forma de atividade da vida, ao multiplicar os relacionamentos em si mesmos. Sendo assim, o acontecimento discursivo da piada de Rock gera, então, ou melhor, permite às condições de produção materializar o acontecimento discursivo [?!] do tapa, emoção que promove a resolução violenta da humilhação “de homem preto estadunidense para homem preto estadunidense”. Esse ponto de discussão pode permitir a consideração do “maldizer humilhante” em “jogos de verdade discriminatória, preconceituosa, intolerante” do apresentador ao “malfazer a violência” em “coragem da verdade” do esposo em defesa à honra de seu cônjuge. Se é uma questão, de fato, o vínculo da verdade e seus efeitos com o sujeito certamente está no horizonte de uma questão do sujeito sobre si mesmo. Do governar-se! “Do homem preto Will Smith sobre si mesmo e do homem preto Chris Rock sobre si mesmo”.

Assim, ao me concentrar em espessuras históricas do tapa de Smith em Rock, a fim de explicar o acontecimento em sua dimensão discursiva “Tire o nome da minha mulher da p**** da sua boca.” [E4] (por Will Smith) é fortemente enunciável uma memória do lugar normativo do homem em proteção física e em defesa da honra de sua esposa, além de marcar

18 Confira detalhes em Vaughan (2000): “A imagem americana de beleza física e as mudanças provocadas pelo “Black Power” na década de 60”.



a posição heteronormativa de macho com a ação física do tapa como um valor social e pessoal. Proteção física, defesa da honra, ação física (agressão, violência, no caso) são normalizadas e cristalizadas por uma sociedade heteronormativa colonialista. Diante disso, essa sociedade esperava o feito pelo Smith em Rock. Inclusive, Smith recebeu muitos aplausos das celebridades na noite, até aperto de mãos e abraços – tudo indicativo de ‘tapa festivo’. Tratamento de merecimento chegou até ser justificativa alegada por convidados e estrelas.

O [E5] indicia a sobreposição ao “apenas” em “Foi apenas uma piada sobre G.I. Jane” [E5]. A sobreposição de valor entra em disputa com a humilhação² (quando me referi ao valor de x2 mais acima, na discussão produzida). A luta discursiva resultante em emoções obteve a permanência do acontecimento pela construção de uma relação subjetiva a si mesmo e aos outros como seres sociais envolvidos nas condições de produção da piada humilhante ao momento do tapa e seus efeitos. A comemoração do tapa por alguns sujeitos (homens e mulheres, brancos ou não) dão manutenção ao machismo, à violência, à normatividade heterossexual, ao princípio estoico de matrimônio.

O “apenas” de Chris Rock não é recepcionado como ‘somente’, ‘unicamente’, ‘exclusivamente’ por quase todos os presentes, principalmente por Will Smith e sua esposa Jada. “Apenas” não é o apenas. Esses três vocábulos não substituem o “apenas” na produção discursiva “Foi apenas uma piada sobre G.I. Jane” [E5]. O termo, a palavra, o elemento linguístico, foi uma máscara discursiva, uma formulação constituída por ironia humilhante e expoente de discriminação, nada comparado ao humor com seu efeito de comicidade. Foi carregado de juízo de valor pejorativo que coloca uma mulher preta com alopecia em exposição na reunião de celebridades e da nobreza do cinema. Discriminação. Humilhação.

Considerações finais

Com o meu ‘percurso de leitura do olhar’¹⁹ de imagens da premiação do Oscar 2022, em atenção ao caso polêmico ao envolver os sujeitos referidos, minha proposição foi reter de

19 Confira tese de doutorado de Nascimento (2019) sobre insinuações da carne e ‘percurso de leitura do olhar’. O autor estabelece ‘compartilhamentos’ indicados por Pêcheux (1984) – publicação póstuma, em que este fundador aponta futuro promissor da Análise do Discurso. A tese articula AD com a Psicolinguística por meio de pesquisa com rastreamento ocular, posição-sujeito em leitura de imagem pelos leitores-participantes e discurso ao



Michel Foucault uma abordagem do discurso que não só evolui dentro de sua trajetória intelectual e da maneira como articula a sua produção (a arqueologia, a genealogia, etc.), mas também levar em consideração a análise do discurso em sua história (desde a fundação por Michel Pêcheux), pelo fato próprio de ser uma reflexão do corpo da língua em corpo e discurso.

Como analista do discurso, apoiado à história da Análise do Discurso ao lado da Nova História²⁰, minha proposição também foi uma escrita da análise do discurso que faz a análise do discurso foucaultiana atual (Estudos Discursivos Foucaultianos), uma abordagem com diálogos, como a proposta com a semiologia histórica e com o ineditismo da metodologia analítica de arqueogenealogia, procurando relações mais externas ao próprio núcleo da linguística, o que supõe uma produtividade dos trabalhos da teoria do discurso, tendo assim conservado sua base materialista da fundação de Michel Pêcheux e seu grupo francês. Com isso, foi preocupado com a materialidade linguística dos enunciados aqui apresentados, que enfatizo a ordem do discurso no processo das condições de produção elucidadas para as análises das imagens e dos enunciados. Minha prática analítica foi como aquela em tese de doutorado defendida em 2019 na UFRJ: uma vez mais, nomeio como percurso de leitura do olhar.

Com a afirmativa de Michel Foucault sobre “qualquer coisa que se fabrica por conta própria, não existe antes, e passará a existir depois” (1984a), com a própria noção de ‘acontecimento’ por Pêcheux (1983a; 1983b) e de ‘acontecimentalizar’ (1978; 1984) por Foucault me possibilita apresentar as reflexões discutidas por meio de quatro questões

apresentar diálogos e duelos, limites e avanços possíveis (em atenção ao experimento informatizado e à cognição). Essa tese se ancorou especialmente em: Herbert/Pêcheux (1966); Henry (1969); Gadet; Léon; Maldidier; Plon (1969); Haroche; Henry; Pêcheux (1971’); Pêcheux (1975; 1983a; 1983c; 1984; 1990); Pêcheux; Gadet; Haroche; Henry (1982). É claro, também em textos de Foucault, Lacan, Courtine, dentre outros.

20 Trata-se de uma tendência teórica e historiográfica surgida em 1978 por membros do grupo dos Annales*. A Nova História é uma proposta que rejeita o entendimento da História como uma narrativa contada (que sempre parte do estudo do passado para explicar o presente) e os documentos oficiais como a única fonte de pesquisa. De outro modo, a Nova História se afasta de concepções da História Tradicional por especialmente sempre partir do presente para construir uma nova explicação, entendimento, compreensão, interpretação, ou seja, outros olhares analíticos sobre o passado. Os *Annales são um movimento historiográfico do século XX – fundado por Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1929. A característica principal é a incorporação de métodos das Ciências Sociais à História. A Escola dos Annales se destaca especificamente por (i.) criticar o método histórico positivista, até então; (ii.) abordar processos de longa duração, em vez de se concentrar na história dos acontecimentos; (iii.) ampliar as fontes e os métodos, incluindo estatísticas, referências linguísticas, arqueológicas e da psicologia da numismática – por exemplo. Três gerações de intelectuais marcam a Escola dos Annales: Lucien Febvre e Marc Bloch, entre 1929 e 1946; Fernand Braudel, um dos mais conhecidos expoentes da Escola; Jacques Le Goff, conhecidamente como a Nova História, propriamente.



elaboradas. Com essas interrogações, o fio do discurso que me induz(iu) a experiência particular de leitura do meu percurso do olhar sobre a violência discursiva em miragem a uma mulher preta estadunidense com alopecia.

A partir do compromisso de análise por uma arqueogenealogia, eu pude pensar em: (i.) a nós mesmos em nossa relação com a verdade do discurso, discussão a partir do ponto de vista do discurso humilhante, intolerante e discriminador; (ii.) ao campo do poder: os fundamentos ou emoções de envergonhar o outro pela humilhação em público, a invenção produtiva da humilhação, do desprezo, da des-honra, do indigno, por conseguinte, que diz respeito à relação de poder com saber; por fim, (iii.) ao campo da ética do sujeito, o nosso próprio compromisso a si mesmo e aos outros, ao que Foucault chama de “governo dos vivos”: ninguém pode exercer um poder sem “a verdade ter que se manifestar e manifestar-se sob a forma de subjetividade” (Foucault, 1982-1983, p. 73).

Além disso, pude também pensar em ‘governabilidade’ e “governo de si e dos outros” pela tensão no governo de si estar no fundamento e no limite ao governo dos outros – naquilo que se afirmar até hoje ao herdado greco-romano de que o meu direito termina quando se inicia o direito do outro, tão forte defesa pelo jurista positivista alemão Rudolf von Ihering (1872), em seu *A luta pelo direito*. Esta doutrina quer evidenciar a relação liberdade e limite, ou gozo e fronteira, como diriam os psicanalistas.

Diante das discussões, as quatro questões eleitas para o presente trabalho envolveram discussões sobre o corpo e o discurso, em especial, a ausência de cabelo da mulher preta e sua relação com a emergência do empoderamento feminino, a resistência ao preconceito e a luta pelo singular na diversidade. Minhas análises estão na esteira de defesas argumentativas com o objetivo de luta pela diminuição da longa história de discriminações, intolerância e preconceitos. Com isso, as discussões tocaram “forma-sujeito e posições de subjetividade” inscritas sobre a “ordem do corpo” pelo corpo da língua, em proposta de trabalho (arqueo)genealógico na análise do discurso.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. [1402]. **Retórica**. Coimbra: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005.
AB’SABER, Tales. **Dilma Rouseff e o Ódio Político**. São Paulo: Hedra, 2015.



BUTLER, Judith. **Discurso de Ódio**: uma política do performativo. Tradução de Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

BUTLER, Judith. **A Força da Não Violência**: um vínculo ético-político. Tradução de Heci Regina Candiani; prefácio de Carla Rodrigues. São Paulo: Boitempo, 2021.

BRAGA, Amanda. O que é que a mulata tem? História e cultura no discurso publicitário. **Revista Travessias**, v. 5, n. 3, 2011, pp. 5-16. Unioeste, Cascavel, Paraná. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/5798/4414> Acesso em: 29 nov. 2024.

BRAGA, Amanda. **História da Beleza Negra no Brasil**: discursos, corpos e práticas. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

CAMPOS, Graça Regina Braga; CRUZ, Mônica da Silva. Disciplina, corpo e discurso na publicidade de produtos para cabelos cacheados. **Revista Entrepalavras**, UFC, Fortaleza, v. 8, n. 2, pp. 120-136, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1100> Acesso em: 29 nov. 2024.

COULOMB-GULLY, Marlène. "Sexismo, humor e produção do consenso: o exemplo do "Le Canard Enchaîné". In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **(In)Subordinações Contemporâneas**: Consensos e resistências nos discursos. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2016. pp. 103-116.

COURTINE, Jean-Jacques. [1992]. "Uma genealogia da Análise do Discurso". In: COURTINE, J-J. **Metamorfoses do Discurso Político**: derivas da fala pública. Tradução de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claralus, 2006. pp. 37-57.

COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine. [2007]. **História do Rosto**: exprimir e calar emoções. Do século 16 ao começo do século 19. Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). [2008a]. **História do Corpo** – As Mutações do Olhar: O Século XX. Volume dirigido por Jean-Jacques Courtine. Tradução e revisão por Ephraim Ferreira Alves. Volume 3. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COURTINE, Jean-Jacques. [2008b]. "Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas". In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. do R. (Orgs.). **Análise do Discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2008. pp. 11-19.

COURTINE, Jean-Jacques. [2011a]. **Decifrar o Corpo**: pensar com Foucault. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. [2011b]. "Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário". In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011b. pp. 145-162.

COURTINE, Jean-Jacques. [2012]. "Introdução". In: COURTINE, J-J.; CORBIN, A.; VIGARELLO, G. (Orgs.). [2012]. **História da Virilidade** – A Virilidade em Crise? Séculos XX e XXI. Volume dirigido por Jean-Jacques Courtine. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Volume 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. pp. 7-12.

COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). [2012]. **História da Virilidade** – A Virilidade em Crise? Séculos XX e XXI. Volume dirigido por Jean-Jacques



Courtine. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Volume 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). [2016]. **História das Emoções**: 3. Do final do século XIX até hoje. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. (Orgs.). **(In)Subordinações Contemporâneas**: Consensos e resistências nos discursos. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2016.

CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. "Apresentação: A produção dos consensos e a conquista das resistências em discursos do mundo contemporâneo". In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **(In)Subordinações Contemporâneas**: Consensos e resistências nos discursos. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2016. pp. 7-12.

CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. (Orgs.). **Discurso e (Pós)Verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.

FANTÁSTICO. **Jada Pinkett Smith desabafou sobre cabelo dias antes do Oscar em vídeo: 'Lidar com meu cabelo em Hollywood foi muito desafiador'** Disponível: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/04/04/jada-pinkett-smith-desabafou-sobre-cabelo-dias-antes-do-oscar-em-video-lidar-com-meu-cabelo-em-hollywood-foi-muito-desafiador.ghtml> Acesso: 10 abril 2022.

FOESSEL, Michael. La politique de l'humiliation. In: **Libération**, 23 février 2017. Chronique Philosophiques. Disponível: https://www.liberation.fr/debats/2017/02/23/la-politique-de-l-humiliation_1550590/ Acesso: 11 abril 2022.

FOUCAULT, Michel. [1966]. **O Corpo Utópic; As Heterotopias / Le Corps Utopique; Les Hétérotopies**. Tradução de Salma Tannus Muchail. Edição bilíngue: português/francês. São Paulo: n-1 edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. [1971]. "Nietzsche, A Genealogia e A História". In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. pp. 55-86.

FOUCAULT, Michel. **Surveiller et Punir**. Paris: Gallimard, 1975.

FOUCAULT, Michel. [1975]. "Poder-Corpo". Tradução de José Thomaz Brum Duarte e Déborah Darrowski. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. pp. 234-243.

FOUCAULT, Michel. [1978]. "Acontecimentalizar". In: MOTTA, M. B. (Org.). **Michel Foucault. Ditos & Escritos – Estratégia. Poder-Saber**. Vol. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. pp. 339-341.

FOUCAULT, Michel. [1980-1981]. **Subjetividade e Verdade**: curso no Collège de France. Edição estabelecida por Frédéric Gros sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana; traduzido por Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. [1981]. **Malfazer, Dizer Verdadeiro**: função da confissão em juízo. Edição estabelecida por Fabienne Brion e Bernard E. Harcourt; traduzido por Ivone Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.



FOUCAULT, Michel. [1982-1983]. **O Governo de Si e dos Outros**: curso no Collège de France (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. pp. 25-39.

FOUCAULT, Michel. [1983-1984]. **A Coragem da Verdade**: O governo de si e dos outros II. Edição estabelecida por Frédéric Gros sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana; traduzido por Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. [1984a]. “O Que São as Luzes?” In: MOTTA, M. B. (Org.). **Michel Foucault. Ditos & Escritos – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Vol. II. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. pp. 335-351.

FOUCAULT, Michel. [1984b]. **História da Sexualidade IV**: As confissões da carne. 4. ed. Edição estabelecida por Frédéric Gros; traduzido por Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Portocarrero. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GADET, Françoise; LÉON, Jacqueline; MALDIDIER, Denise; PLON, Michel. [1969]. “Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969”. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por Uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997. pp. 39-58.

GUILHAUMOU, Jacques. “Foucault e a ordem do corpo: língua, sujeito, história”. Tradução do francês por Lucas Nascimento. Revisão técnica por Nilton Milanez. In: NASCIMENTO, L. (Org.). **Corpo e Discurso**: uma introdução. Campinas: Pontes, 2022 [no prelo].

GREGOLIN, Maria do Rosário. “Análise do discurso e Semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas”. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011. pp. 83-105.

GREGOLIN, Maria do Rosário. “Discurso, consensos, resistências: balanço final”. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **(In)Subordinações Contemporâneas**: Consensos e resistências nos discursos. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2016. pp. 251-257.

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

HAROCHE, Claudine. “O sentimento de humilhação: degradar, rebaixar, destruir”. In: COURTINE, J-J.; CORBIN, A.; VIGARELLO, G. (Orgs.). [2016]. **História das Emoções**: 3. Do final do século XIX até hoje. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. pp. 465-492.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. [1971]. “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso”. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2007. pp. 13-32.

HENRY, Paul. [1969]. “Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969)”. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por Uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997. pp. 13-38.

HERBERT, Thomas [Michel Pêcheux]. [1966]. “Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social”. In: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso – Michel Pêcheux**. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2011. pp. 21-54.



IHERING, Rudolf Von. [1872]. **A Luta pelo Direito**. São Paulo: Rideel, 2005.

LIMA, Liliane. **O que o tapa de Will Smith em Chris Rock no Oscar ensina sobre assédio moral e postura profissional**. Disponível: <https://www.seudinheiro.com/2022/carreiras/o-que-o-tapa-de-will-smith-em-chris-rock-no-oscar-ensina-sobre-assedio-moral-e-postura-profissional-lils/> Acesso: 10 abril 2022.

NASCIMENTO, Lucas. **Insinuações da Carne: Ordem da Imagem e Sentidos do Olhar** – por questões de leitura de fotografia digital da G Magazine. 217 f. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Campus Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, RJ, 2019. Disponível em: <http://www.pglinguistica.letras.ufrj.br/images/Linguistica/3-Doutorado/teses/2019/TESE-Final-BIBLIOTECA-UFRJ-L.NASCIMENTO.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2024.

NASCIMENTO, Lucas. Discursos preconceituosos, corpos discriminados: O estranho espelho de “quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade” – diz Bolsonaro. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 1, pp. 1-30, 2020a. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1676/1890>. Acesso em: 20 nov. 2024. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i1.1676>

NASCIMENTO, Lucas. Língua fascista, discurso contraditório: política de misoginia e homofobia. **Revista Heterotópica**, [S. l.], UFU, v. 2, n. 2, pp. 180–197, 2020b. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/56642>. Acesso em: 28 nov. 2024. DOI: <https://doi.org/10.14393/HTP-v2n2-2020-56642>

NASCIMENTO, Lucas. “Língua Fascista, Discurso Contraditório: ainda sobre Bolsonaro”. In: SILVA, D. S. da; SILVA, C. dos S. (Orgs.). **Pêcheux em (Dis)Curso**: entre o já-dito e o novo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020c. Volume 2. pp. 77-99.

NASCIMENTO, Lucas. (Org.). **Corpo e Discurso** – Uma introdução. Campinas: Pontes, 2022 [no prelo].

PÊCHEUX, Michel. [1975]. “A forma-sujeito do discurso”. In.: PÊCHEUX, M. [1975]. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2009. pp. 145-168.

PÊCHEUX, Michel et all. [1981]. **Matérialités Discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise; HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul. [1982]. “Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em Psicologia”. In: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso – Michel Pêcheux**. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. pp. 55-71.

PÊCHEUX, Michel. [1983a]. « Discourse: structure or event? » – Actes du Colloque Marxism and Interpretation of Culture: Limits, Frontiers, Boundaries. L’Université Urbana-Champaign, 8-12 juillet 1983. In: PÊCHEUX, M. **L’inquietude du Discours**. Textes choisis et présentés par Denise Maldidier. Paris: Éditions des Cendres, 1990. pp. 303-323.

PÊCHEUX, Michel. [1983b]. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel [1983c]. “A Análise de Discurso: três épocas (1983)”. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por Uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997. pp. 311-318.



PÊCHEUX, Michel. [1984]. “Especificidade de uma disciplina de interpretação (A Análise do Discurso na França)”. In: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso – Michel Pêcheux**. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. pp. 227-230.

PÊCHEUX, Michel. [1990]. “Leitura e Memória: projeto de pesquisa”. In: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso – Michel Pêcheux**. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. pp. 141-150.

PFIZER. **O que é alopecia, quais os tipos e tratamentos para a condição?** Disponível: <https://www.pfizer.com.br/noticias/ultimas-noticias/o-que-e-alopacia-quais-os-tipos-e-tratamentos-para-condicao> Acesso: 11 abril 2022.

PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. “O discurso e as verdades: relações entre a fala, os feitos e os fatos”. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **Discurso e (Pós)Verdade**. São Paulo: Parábola, 2021. pp. 07-18.

PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. “As emoções nas ciências da linguagem”. In: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (Orgs.). **O Discurso e as Emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos**. São Paulo: Parábola, 2024. pp. 07-42.

PIOVEZANI, Carlos. **A Voz do Povo: uma longa história de discriminações**. Petrópolis: Vozes, 2020.

POSSENTI, Sírio. “Jogos de verdade: uma questão para a análise do discurso”. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **Discurso e (Pós)Verdade**. São Paulo: Parábola, 2021. pp. 59-71.

RIBEIRO, Jocenilson. **Xenofobia e Intolerância Linguística: discursos sobre estrangeiridade e hostilidade brasileira**. Campinas: Pontes, 2022.

SARGENTINI, Vanice. “Contribuições da Semiologia Histórica à Análise do discurso”. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011. pp. 107-126.

SENNET, Richard. “O tumulto da vida pública no século XIX”. In: SENNET, R. **O declínio do homem público – As tiranias da intimidade**. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TAITHE, Bertrand. “Empatias, cuidados e compaixões: as emoções humanitárias”. In: COURTINE, J.-J.; CORBIN, A.; VIGARELLO, G. (Orgs.). [2016]. **História das Emoções: 3. Do final do século XIX até hoje**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. pp. 493-520.

VAUGHAN, Patrícia Anne. “A imagem americana de beleza física e as mudanças provocadas pelo “Black Power” na década de 60”. **Revista de Letras**, UFC, Fortaleza, v. 1, n. 22, p. 59-62, jan/dez. 2000/2016. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2174>. Acesso em: 29 nov. 2024.

VALLIERE, Richard. **Norman McLaren, Manipulator of Movement**. The National Film Board Years, 1947-1967. (An Ontario Film Institute Book).

Submissão: 28/09/2024

Aceite:09/12/2024